

Sobre o casamento

Ideias d'um celibatario

O homem, quando joven, vê no casamento não uma necessidade mas simplesmente um bem-estar indefinivel por que aneia o seu coração novo, cheio de sangue quente, buliçoso; além d'isto pensa no amor immenso, nas extremosas caricias que lhe proporcionará um ente querido, formoso, angelico, idealisado pela sua imaginação em pleno vigor; vê-se acalentado pelo bafo acariciador de um anjo que viverá junto d'elle eternamente.

Esse ente, esse anjo é a mulher. Porem a mulher como elle a deseja, como elle a pensa, não passa de um mytho gerado no seu espirito de rapaz, sobre que exerce poderosa influencia a leitura de romances onde se vê a mulher amando d'uma maneira impossivel, de uma maneira extraordinaria, admissivel sómente nos dominios da phantasia.

Depois o homem sente a necessidade de ser amado pela mesma forma.

E ei lo namorando. Transforma a sua predilecta numa Virginia ou numa Julieta e transporta-se ás regiões do mundo ideal illudido pelos mil enfeitos que a sua querida colloca sobre o corpo.

Passam mezes no fim dos quaes, como é natural, casa.

Deixemos-lhe passar a lua de mel, e depois... ó decepção!... a mulher por quem elle aspirava em seductoras visões, o thesouro de formosura e de annos que o seu espirito em momentos de melancolia concebera, em fim a mulher que vira pintada nos romances não era aquella, a sua esposa que tinha um signal feio no rosto, que possuia uns olhos bastante pequenos, uns pés maiores do que deveria, umas curvas pouco graciosas, um habito que em lugar de perfumado se tornava por vezes fetido, e tantos outros defeitos. Em summa, a esposa, dois ou trez mezes depois do consorcio já não era feita de amor nem um thesouro de formosura. O homem lembrava-se então dos tempos felizes da mocidade livre.

O casamento deixara de ser o parameo de felicidade que o seu espirito idealisara.

ABEL GOMES BOTELHO.

N'um postal

A' toi

Como a concha a boiar por sobre as aguas,
Linda, arrastada pela vaga cerula,
O nosso coração, n'um mar de maguas,
Solitario contem do amor a perola.

EDGARD AYRES.

"Monologo á força,"

a Rogerio Garcia Perez.
a Alberto da Silva Barbosa

*Sujeito muito corretamente vestido — casa-
co ou «SMOKING», luvas brancas. Maneiras
afetadas, mesmo um pouco ridiculas.
(entrando)*

Boas noites! Como passam?
Muito bem, ao que parece...
O que querem que aqui faça?
Digam: que lhes apetece?..

Lindos versos, cançonetas,
Ou monol'gos engraçados?
Uma valsa, uma "romanza"
Ou fadinhos bem cantados?

Senhor's, é pedir por bôca,
De tudo, de tudo sei!
Uma vez até, sózinho,
Alguns tercêtos Cantei

*(Pausa, admirado por
não lhe pedirem nada)*

Mas ninguem me pede nada!?.
Isto assim não pode ser!
Para que é que eu aqui vim?
Não foi para os entreter!?

*(Vendo que todos con-
tinuam calados)*

E ficam todos calados!
Nesse caso, vou-me embora!...

(a uma senhora)

Vossa Exc'lencia que pretende?
Diga lá, minha senhora!

Deseja talvez que eu cante
A aria da Tosca?... Não?...
E qualquer trexo da Aida,
Da Féadora ou Dom João?

*(vendo que ella não res-
ponde)*

Tirana! fica calada!
Coisa nenhuma me diz!
Oh! não pode imaginar
Como me torna infeliz...

(a um cavalheiro)

Julgo porem, que Vocencia
'Stá disposto a responder...

*(desesperado por elle
não responder)*

Da mesma forma calado!
Isto é para endoidecer!!

*(passeia, arrepelando-
se: depois, em gran-
des gestos)*

Mas ó senhores, eu até —
Se quizerem — represento
Sem mais actores uma peça!
P'ra que é que serve o talento?!

(a um cavalheiro)

Por isso, se o cavalheiro
Desejar uma comedia,
E' só pedir... a não ser
Que prefira uma tragedia...

*(vendo que elle não res-
ponde)*

Tambem nada me responde!

(a uma senhora)

E Vocencia, bella dama,
O que escolhe? Uma operêta,
Um «vaudeville», ou um drama?

*(vendo que não res-
ponde)*

Idem... na mesma data!
Fica muda como um peixe!?!?!?

(batendo na testa)

Ah! finalmente já sei!
O que querem é que os deixe!...

(pausadamente)

Muito bem, vou retirar-me
Sem demora, sem tardar...
Mas antes de me ir embora,
Uma coisa hão de notar:

Apezar de nada quizerem,
Numa esparréla caíram!...

(numa reverencia)

Meus senhores, minhas senhoras,
«Um monol'go, sempre ouviram!»

MARIO DE SIRCOANERA.

A NOSSA ESTANTE

Almanach de palcos e salas — Re-
cebemos este apreciado livrinho, edi-
tado pela livraria Bordallo. Vem cheio
de engraçados monologos, scenas co-
micas e illustrado com bellas gravu-
ras.

Agradecemos a offerta.

*
*
*

Por falta de espaço não podemos
ainda hoje emttir a nossa opinião so-
bre diversos livros que nos teem sido
enviados.

Fallaremos brevemente.

DESALENTO

Tinha perdido já de todo a esperança
D'encontrar no mundo algum amôr,
E nada m'inspirava confiança,
Ficando immerso então na minha dôr.

Assaltava-me ás vezes a lembrança,
P'ra pôr termo emfim a este horror
De matar-me encontrando assim bonança;
(Mas acceitava-a sempre com terror.)

No meio d'este horrivel sofrimento
Dirigiste-me um olhar, e no momento
De pôr em pratica esta solução,

Senti então vontade de viver,
Senti em mim a esperança renascer,
Esse olhar foi a minha salvação.

Lisboa, 28 de Julho de 1908.

JOSÉ V. A. DA COSTA CORRÊA DA SILVA.

Guitarra de Romanol

74

Não são alegres meus versos
E como podem ter calma
Se n'elles andam dispersos
Bocadinhos da minh' alma.

75

A's Trevas da minha vida
Dá-lhes, mulher, teus fulgores,
Muda esta Paixão dorida
N'uma Alleluia d'amores.